

"Para os fãs de *A Rainha Vermelha* e de Sansa Stark, de *Game of Thrones*." – *Bustle*



PRINCESA
DAS
CINZAS

LAURA SEBASTIAN

PRÓLOGO



A ÚLTIMA PESSOA QUE ME CHAMOU PELO meu verdadeiro nome foi minha mãe, em seu derradeiro sopro de vida. Aos 6 anos, minha mão ainda era pequena o bastante para ser completamente coberta pela mão dela. Ela a apertou forte, e doeu tanto que eu mal notei qualquer outra coisa. Foi tão forte que mal percebi a prata da faca pressionada em sua garganta ou o medo em seus olhos.

– Você sabe quem você é – disse-me ela. Sua voz não vacilou, mesmo quando gotas de sangue brotaram onde a lâmina cortou sua pele. – Você é a única esperança do nosso povo, Theodosia.

E então cortaram-lhe a garganta e tomaram meu nome.

THORA

— **T**^{HORA!} Eu me viro e vejo Crescentia vindo em disparada em minha direção pelo corredor dourado do palácio, as saias de seda cor-de-rosa erigidas enquanto ela corre e um sorriso largo aberto no rosto lindo.

Suas duas criadas esforçam-se para acompanhá-la, os corpos definhados desaparecendo debaixo dos vestidos simplórios.

Não olhe no rosto delas, não olhe, digo a mim mesma. Nada de bom jamais vem de olhar, de ver seus olhos sem brilho e as bocas famintas. Nada de bom jamais vem de ver o quanto elas se parecem comigo, com sua pele morena e cabelos escuros. Isso só faz a voz em minha cabeça ficar mais alta. E, quando a voz fica alta o suficiente para passar por entre meus lábios, o Kaiser fica furioso.

Não vou enfurecer o Kaiser e ele vai me manter viva. Essa é a regra que aprendi a seguir.

Eu me concentro em minha amiga. Cress torna tudo mais fácil. Ela usa a felicidade como se fossem raios do sol, irradiando-a para aquecer aqueles a sua volta. Ela sabe que preciso dela mais do que a maioria, por isso, não hesita em alinhar os passos com os meus e andar de braços dados bem apertados.

Ela é livre com seu afeto de uma forma que somente algumas poucas pessoas abençoadas conseguem ser; ela nunca amou alguém e o perdeu. Sua beleza infantil e natural a acompanhará até que ela envelheça, toda traços delicados e grandes olhos cristalinos que nunca viram qualquer horror. Cabelos louros claros pendem em uma longa trança jogada sobre o ombro, cravejada com dezenas de Pedras do Espírito que piscam no sol que atravessa os vitrais das janelas.

Tampouco posso olhar as pedras, mas assim mesmo posso senti-las: um

leve puxão sob a pele, me atraindo na direção delas, me oferecendo seu poder se eu quiser pegar. Mas não farei isso. *Não posso.*

Pedras do Espírito costumavam ser coisas sagradas, antes que Astrea fosse tomada pelos kalovaxianos.

As pedras preciosas vinham das cavernas que se estendiam sob os quatro principais templos – um para cada um dos quatro grandes deuses e deusas: do fogo, do ar, da água e da terra. As cavernas eram o centro de seus poderes, tão impregnadas de magia que as pedras em seu interior investiam-se de uma magia própria. Antes do cerco, os devotos passavam anos na caverna do deus ou da deusa a quem juraram lealdade. Lá dentro, eles adoravam a deidade e, se fossem dignos, seriam abençoados, imbuídos com o poder de seu deus ou deusa. Então usavam seus dons para servir a Astrea e seu povo como Guardiões.

Naquela época não havia muitos que não fossem escolhidos pelos deuses – um punhado por ano, talvez. Esses poucos enlouqueciam e morriam pouco depois. Era um risco que apenas os verdadeiramente devotos corriam. Ser Guardião era uma vocação – uma honra –, ainda assim todos compreendiam o que estava em risco.

Isso foi uma vida atrás. *Antes.*

Após o cerco, o Kaiser ordenou a destruição dos templos e mandou dezenas de milhares de astreanos escravizados para as cavernas garimpar as pedras preciosas. Viver tão perto do poder dos deuses não é mais uma escolha que as pessoas fazem, mas uma que é feita por elas. Não há mais um chamado ou juramento de fidelidade e, por isso, a maioria das pessoas enviadas para as minas logo enlouquecem e, pouco tempo depois, morrem.

E tudo isso para que os ricos possam pagar uma fortuna para se cobrirem de pedras preciosas sem nem sequer proferir os nomes dos deuses. É sacrilégio para nós, mas não para os kalovaxianos. Eles não acreditam. E, sem a bênção dos deuses – sem o tempo passado nas profundezas da terra –, eles têm acesso apenas a uma sombra do poder de um verdadeiro Guardião, independentemente da quantidade de pedras preciosas que usem, que é bastante para a maior parte deles. As Pedras da Água na trança de Cress poderiam dar a um Guardião treinado o poder de engendrar uma ilusão forte o bastante para criar um rosto inteiramente novo, mas para Cress, elas só emprestam luminosidade a sua pele, rubor aos lábios e faces, brilho aos cabelos dourados.

Pedras da Beleza, é como os kalovaxianos as chamam agora.

– Meu pai me enviou um livro de poemas de Lire – conta ela. Sua voz se torna tensa, como sempre acontece quando fala do pai, o Theyn, comigo. – Devíamos levá-lo para o pavilhão e traduzi-lo. Aproveitar o sol enquanto ainda o temos.

– Mas você não fala liriano – digo, franzindo a testa.

Cress tem um talento para línguas e literatura, duas coisas para as quais seu pai nunca teve paciência. Como melhor guerreiro do Kaiser e chefe de seu exército, o Theyn compreende batalha e armamento, estratégia e carnificina, não livros e poesia, mas ele tenta por causa dela. A mãe de Cress morreu quando ela era ainda bebê, assim o Theyn é toda a família que lhe resta.

– Entendi algumas expressões aqui e ali – diz ela, agitando a mão no ar, fazendo pouco caso. – Mas meu pai mandou que o poeta traduzisse uma parte, então posso decifrar o restante. Você sabe como meu pai gosta de enigmas.

Ela me olha de lado para ver minha reação, mas tomo cuidado para não deixar transparecer nada.

Tenho o cuidado de não imaginar o pai de Cress pressionando seu punhal contra o pescoço de um pobre poeta magricela debruçado sobre seu trabalho, ou a maneira como ele levou mesmo punhal ao pescoço de minha mãe há tanto tempo. Não penso no medo nos olhos dela. A mão dela na minha. Sua voz, forte e clara mesmo naquele momento.

Não, eu não penso nisso. Vou enlouquecer, se pensar.

– Bem, vamos decifrá-los bem rápido, nós duas juntas – digo-lhe com um sorriso, esperando que ela acredite.

Não pela primeira vez, eu me pergunto o que aconteceria se eu não reprimisse um tremor quando ela mencionou o pai. Se eu não sorrisse e fingisse que ele não é o mesmo homem que matou minha mãe. Gosto de acreditar que Cress e eu somos amigas há tempo suficiente para que ela compreendesse, mas esse tipo de confiança é um luxo que eu não tenho.

– Talvez Dagmær esteja lá – diz Crescentia, baixando a voz a um sussurro conspiratório. – Você perdeu a... ousada escolha de trajes dela no almoço da condessa ontem. – Os olhos dela cintilam com um sorriso.

Não me importo. O pensamento vem repentino e afiado como uma picada de abelha. *Não me importo se Dagmær foi ao almoço nua. Não me importo com nada disso.* Empurro o pensamento bem para o fundo e o enterro, como sempre faço. Pensamentos como esse não pertencem a Thora;

pertencem à voz. Em geral são somente sussurros, fáceis de ignorar, mas às vezes se tornam mais altos e se derramam em minha própria voz. É aí que me vejo encrencada.

Eu me ancoo em Cress, em sua mente tranquila, em seus prazeres simples.

– Duvido que alguma coisa possa superar as penas de avestruz com que ela se cobriu mês passado – sussurro de volta, fazendo-a rir.

– Ah, foi bem pior dessa vez. O vestido dela era de renda preta. Dava praticamente para ver a roupa íntima... ou a falta dela!

– Não! – grito, fingindo estar escandalizada.

– Sim! Dizem que ela está querendo seduzir o Duque Clarence – diz Cress. – Embora a razão eu não possa imaginar. Ele tem idade para ser pai dela e cheira a carne podre. – Ela franze o nariz.

– Se pensarmos nas dívidas do pai dela... – digo, reticente, arqueando uma sobancelha.

Os olhos de Crescentia se arregalaram.

– Verdade? Onde você ouviu isso? – ela arqueja.

Quando eu me limito a sorrir em resposta, ela suspira e me dá uma cotovelada de leve no lado do corpo.

– Você sempre sabe as melhores fofocas, Thora.

– Isso é porque eu ouço as pessoas – digo com uma piscadela.

Não conto a ela o que estou tentando ouvir de fato, que peneiro cada rumor enfadonho em busca de sussurros sobre a resistência astreana, de qualquer esperança de que alguém ainda esteja lá fora e algum dia possa vir me resgatar.

Nos anos que se seguiram ao cerco, corriam sempre histórias sobre astreanos rebeldes lutando contra o Kaiser. Uma vez por semana, eu era arrastada até a praça principal para ser açoitada por um dos homens do Kaiser a fim de servir como exemplo enquanto cabeças de rebeldes mortos em batalha iam apodrecendo em estacas atrás de mim. Eu conhecia a maior parte daqueles rostos: Guardiões que haviam servido a minha mãe, homens e mulheres que tinham me dado doces e me contado histórias quando eu era pequena. Eu odiava aqueles dias, e na maior parte do tempo odiava os rebeldes, porque parecia que eram *eles* que estavam me machucando ao incorrer na ira do Kaiser.

Agora, porém, praticamente todos os rebeldes estão mortos e restam apenas sussurros de rebelião, comentários fugazes sobre fofocas, quando os

cortesãos esgotam os assuntos e se veem sem mais nada para falar. Faz anos que o último rebelde foi apanhado. Eu não sinto falta daquelas punições, sempre mais violentas e públicas que quaisquer outras, mas sinto falta da esperança que se agarrava a mim, a sensação de que eu não estava sozinha no mundo, de que um dia – talvez – meu povo venceria e poria fim a meu sofrimento.

A nossas costas passos soam cada vez mais alto, pesados demais para pertencer às escravas de Cress.

– Lady Crescentia, Lady Thora – chama uma voz masculina.

A mão de Cress aperta mais meu braço e sua respiração fica presa.

– Vossa Alteza – diz Cress, virando-se e abaixando-se em uma mesura, puxando-me com ela.

O título faz meu coração disparar, embora eu saiba que não se trata do Kaiser. Eu reconheceria sua voz em qualquer lugar. Ainda assim, não relaxo por completo até me erguer da mesura e confirmar que estou certa.

O estranho tem o mesmo cabelo louro-trigo e os olhos azuis frios, o mesmo maxilar quadrado do Kaiser, mas o homem a minha frente é muito mais jovem, talvez um ano mais velho do que eu.

Prinz Søren, me dou conta, surpresa. Ninguém falou de seu retorno à corte, o que é surpreendente, pois os kalovaxianos são muito mais apaixonados por seu Prinz do que pelo Kaiser.

A última vez em que o vi foi quase cinco anos atrás, quando ele era um garoto de 12 anos magricela, bochechudo e com uma espada de madeira sempre na mão. O homem diante de mim não é mais magricela, e suas bochechas perderam as curvas infantis. Na bainha presa em seu quadril ainda há uma espada, mas essa não é mais de madeira. Trata-se de uma lâmina de ferro forjado cheia de marcas de uso, o punho reluzindo com Pedras do Espírito, dessa vez usadas em busca de força.

Criança, vi Guardiões da Terra fortes o bastante para arrastar rochas com o triplo de seu peso como se fossem ar, mas duvido que as Pedras do Espírito do Prinz façam muito mais do que acrescentar um peso extra para emprestar força aos golpes dele. Não que isso tenha alguma importância. Durante os cinco anos de treinamento de Søren com o Theyn, aquela espada fez verter mais do que sua justa parcela de sangue. Na corte ouvem-se sempre os sussurros sobre a proeza do Prinz em batalha. Dizem que ele é um prodígio, mesmo para os padrões kalovaxianos. O Kaiser gosta de tratar

o Prinz como uma extensão de si mesmo, mas as façanhas do Prinz Søren só servem para ressaltar as fraquezas do Kaiser. Desde que tomou o trono, o Kaiser tornou-se preguiçoso e acomodado, mais interessado em promover banquetes e bebedeiras do que em tomar parte nas batalhas.

Eu me pergunto o que o Prinz está fazendo aqui de volta depois de tantos anos, embora eu suponha que seu aprendizado com o Theyn tenha chegado ao fim. Agora, ele é oficialmente um adulto, e eu só posso deduzir que em breve estará liderando os próprios exércitos.

Ele se curva ligeiramente e leva as mãos às costas. Sua expressão plácida não muda; parece esculpida em mármore.

– É bom rever vocês duas. Espero que estejam bem.

Não se trata de uma pergunta, na verdade, mas ainda assim Cress responde com um sim alvoroçado, prendendo um fio de cabelo atrás da orelha e alisando as dobras da saia, mal conseguindo olhá-lo nos olhos. Ela se desmancha toda para ele desde que éramos crianças, assim como todas as outras garotas de nossa idade que cresceram se imaginando prinzezinhas. Para Cress, porém, essa nunca foi uma fantasia sem fundamento. Astrea é apenas um dos territórios que seu pai conquistou para o Kaiser. Dizem que o pai dela tomou mais reinos que qualquer outro chefe militar, e ninguém pode negar que a ascensão de sua filha a prinzezinha seria uma recompensa justa para tamanha lealdade. Desde que Cress alcançou a maioridade seis meses atrás, os rumores sobre o par cresceram e se tornaram ensurdecedores na corte.

Seria essa outra razão para o retorno dele, talvez?

Se esses rumores alcançavam Søren, onde quer que ele tenha estado, ele não demonstra. Seus olhos deslizam sobre Cress como se ela fosse nada além de ar e luz, pousando, porém, em mim. Sua testa se franze, da mesma forma que a de seu pai quando olha para mim, embora, pelo menos no caso dele, o olhar não vem seguido de um sorriso presunçoso ou malicioso.

– Fico feliz em saber – diz ele a Cress, de maneira fria, rápida e clara, embora seus olhos continuem nos meus. – Meu pai está requisitando a sua presença, Lady Thora.

O medo envolve meu estômago como uma serpente faminta, apertando, apertando até que não consigo mais respirar. O impulso de correr cresce em mim e luto para manter minhas pernas imóveis.

Eu não fiz nada. Tenho tomado muito cuidado. Mas, por outro lado, não preciso fazer alguma coisa para ser alvo da ira do Kaiser. Sempre que há

uma suspeita de rebelião nas dependências dos escravos ou um pirata astreano afunda um navio kalovaxiano, eu pago o preço. A última vez em que ele me convocou, mal faz uma semana, foi para que eu fosse chicoteada em resposta a um motim nas minas.

– Bem. – Minha voz treme a despeito de meus esforços para mantê-la firme. – Não devemos deixá-lo esperando.

Por um breve momento, parece que Prinz Søren vai dizer alguma coisa, mas, em vez disso, ele aperta os lábios e me oferece o braço.

TRAIADOR



O TRONO DE OBSIDIANA ERGUE-SE EM UM estrado no centro do salão, um espaço circular de teto abobadado. O assento imenso e pesado foi esculpido em pedra negra sólida, no formato de chamas que parecem lambe quem se senta nele. É simples, quase feio, em meio a todo o ouro e grandeza que o circundam, mas sem dúvidas é imponente, e isso é o que importa.

Os kalovaxianos acreditam que o trono foi tirado dos vulcões da Antiga Kalovaxia e deixado aqui em Astrea para eles por seus deuses, como garantia de que um dia viriam e salvariam o país de suas rainhas fracas e voluntariosas.

Eu me lembro de uma história diferente, sobre o deus do fogo astreano, Houzzah, que amava tanto uma mulher mortal que lhe deu um país e um herdeiro com seu sangue nas veias. Essa história é sussurrada agora em minha mente em uma voz familiar e cadenciada, mas que, como uma estrela distante para a qual você tenta olhar, desaparece rapidamente se tento me concentrar nela. É melhor deixá-la esquecida, de qualquer forma. É mais seguro viver apenas no presente, ser uma garota sem qualquer passado por que ansiar e qualquer futuro para lhe arrancarem.

A multidão densa de cortesãos, vestida com suas roupas mais finas, abre-se com facilidade para Prinz Søren e para mim enquanto seguimos em direção ao Kaiser. Como Cress, os cortesãos usam as Pedras da Água azuis em busca da beleza e as Pedras do Ar transparentes em busca da graça – tantas que olhar para eles quase cega. Há outras ainda – Pedras do Fogo vermelhas para o calor, Pedras da Terra amarelo-douradas para a força.

Examino o salão. Em meio a um mar de pálidos e loiros kalovaxianos, Ion se destaca em seu lugar ao lado do trono. Ele é o único outro astreano que não está acorrentado, mas não é exatamente uma visão agradável. Após

o cerco, ele se entregou ao Kaiser e implorou por sua vida, oferecendo seus serviços como Guardião Aéreo. Agora, o Kaiser o mantém por perto para usá-lo como espião na capital e como curandeiro para a família real. E para mim. Afinal, não é tão divertido me espancar se eu desmaiar por causa da dor. Ion, que uma vez jurou servir a nossos deuses e a minha mãe, usa seu dom para me curar apenas para que os homens do Kaiser possam me arre-bentar de novo e de novo e de novo.

Sua presença é uma ameaça tácita. Ele raramente tem permissão para participar de recepções da corte; em geral, só aparece durante minhas punições.

Se o Kaiser pretendesse me espancar, ia querer fazê-lo em um lugar mais público. No entanto, ele não descartou essa possibilidade – motivo pelo qual Ion se encontra aqui.

O Kaiser dirige um olhar incisivo para Søren, que solta meu braço e se mistura à multidão, me deixando sozinha sob o peso do olhar de seu pai. Sinto-me tentada a me agarrar a ele, a qualquer um, para não ter que ficar sozinha.

Mas eu estou sempre sozinha. A essa altura, já deveria estar acostuada, embora não creia que esse seja o tipo de coisa com que uma pessoa se acostume.

O Kaiser se inclina para a frente no trono, os olhos gelados brilhando à luz do sol que penetra pelos vitrais do telhado. Ele me olha do jeito que faria com um inseto esmagado que sujasse a sola de seu sapato.

Eu, por minha vez, olho para o estrado, para as chamas ali esculpidas. Não enfurecer o Kaiser é o que me mantém viva. Ele poderia ter me matado mil vezes na última década e não fez isso. Não é uma benevolência?

– Aí está você, *Princesa das Cinzas*. – Para qualquer outra pessoa, a saudação pode parecer agradável, mas eu me encolho. Com o Kaiser, há sempre um truque, um jogo em questão, uma linha fina em que se equilibrar. Eu sei por experiência própria que, se ele está brincando com a generosidade agora, a crueldade não pode estar muito longe.

De pé à sua direita, com as mãos cruzadas à frente do corpo e a cabeça baixa, sua esposa, Kaiserin Anke, deixa os olhos leitosos atravessarem os cílios loiros e escassos para encontrar os meus. Um aviso que faz a serpente apertar ainda mais minha barriga.

– Solicitou minha presença, Vossa Alteza? – pergunto, fazendo uma reverência tão profunda que quase me deito no chão.

Mesmo após uma década, meus ossos ainda protestam contra aquela postura. Meu corpo se lembra – mesmo quando o restante de mim esquece – que não fui feita para reverenciar.

Antes que o Kaiser possa responder, um grito gutural estilhaça o ar. Quando me ergo, percebo um homem parado à esquerda do trono, mantido no lugar por dois guardas, um de cada lado. Correntes enferrujadas envolvem suas pernas magras, braços e pescoço, apertando tanto que cortam sua pele. As roupas que ele usa estão esfarrapadas e ensanguentadas e seu rosto é uma massa de ossos quebrados e pele rasgada. Sob o sangue, pode-se ver claramente que ele é astreano, com a pele morena, os cabelos pretos e os olhos profundos. Parece bem mais velho que eu, embora seja impossível dizer exatamente quantos anos tem com todo o estrago que lhe foi feito.

Não o conheço. Mas seus olhos escuros buscam os meus como se ele me conhecesse, implorando, pedindo, e eu vasculho minhas lembranças – quem pode ser esse homem e o que ele quer de mim? Não tenho nada para ele. Não me resta nada para ninguém.

Então o mundo se desloca sob meus pés.

Eu lembro daqueles olhos de uma outra vida, engastados em um rosto gentil uma década mais jovem e livre do sangue. As lembranças afloram, mesmo enquanto tento reprimi-las.

Lembro dele de pé ao lado de minha mãe, sussurrando algo em seu ouvido para fazê-la rir. Lembro de seus braços me envolvendo quando ele me erguia no ar para que eu pudesse colher uma laranja no pé; lembro de como ele sorria para mim como se partilhássemos um segredo.

Reprimo esses pensamentos e me concentro no homem destruído diante de mim.

Há alguém que é sempre mencionado em conexão com as rebeliões. Um homem que tem a mão em cada movimento feito contra o Kaiser. Um homem cujo nome basta para lançar o Kaiser em uma fúria tão selvagem que o leva a mandar que me açoitem com tamanha violência que tenho de ficar de cama por dias. Um homem cujos atos de rebeldia me causaram tanta dor, mas que tem sido minha única centelha de esperança quando ousou me permitir imaginar que haverá um *depois* para esses anos infernais.

Não é de admirar que o Kaiser esteja tão feliz. Ele finalmente capturou o último dos Guardiões de Astrea, e o protetor mais próximo de minha mãe. Ampelio.

– Minha Rainha – diz ele. Sua voz se espalha, de modo que todos que estão reunidos na silenciosa sala do trono ouvem sua traição.

Eu me encolho diante de suas palavras. *Não, não, não*, quero lhe dizer. *Não sou rainha de ninguém. Sou Lady Thora, Princesa das Cinzas. Não sou ninguém.*

Levo um momento para perceber que ele está falando astreano, pronunciando palavras proibidas que no passado usava para se dirigir a minha mãe. *Minha mãe*. Em outra vida, eu era outra garota. Outro tipo de princesa. A essa garota diziam que um dia ela seria rainha. No entanto, ela nunca quis que aquilo fosse verdade. Afinal, ser rainha significava viver em um mundo onde sua mãe não existia mais, e aquilo era imponderável.

Essa garota, porém, morreu há uma década. Não há como ajudá-la agora.

O homem cambaleia sob o peso das correntes. Ele está muito fraco para tentar chegar à porta, mas nem sequer tenta. Em vez disso, desaba no chão a meus pés, os dedos agarrando a bainha de meu vestido e manchando de vermelho a seda amarelo-pálido.

Não. Por favor. Parte de mim quer erguê-lo e dizer que está enganado. Outra parte quer se afastar dele porque esse vestido é tão lindo e ele o está sujando de sangue. E outra ainda quer gritar com ele e dizer que suas palavras vão destruir a nós dois, mas que ele pelo menos terá a misericórdia da morte.

– Ele se recusou a falar com qualquer um que não fosse você – diz o Kaiser Corbinian com voz ácida.

– Eu?

Meu coração bate tão forte no peito que me surpreende que toda a corte não possa ouvi-lo. Todos os olhos no salão estão voltados para mim; todos esperam que eu cometa um deslize, ávidos pelo menor dos indícios de rebeldia para que eles possam ver o Kaiser me espancar mais uma vez. Mas não vou dar esse gostinho a eles.

Não vou enfurecer o Kaiser e ele me manterá viva. Entoo o mantra para mim mesma repetidas vezes, mas as palavras vacilaram.

O Kaiser se inclina para a frente no trono, os olhos brilhantes. Já vi essa expressão muitas vezes antes; ela assombra meus pesadelos. Ele é um tubarão que captou o cheiro de sangue na água.

– Você não o conhece?

Este é o tipo de pergunta favorito do Kaiser. Aquele sem uma resposta correta.

Volto a olhar para o homem, como se estivesse me esforçando para iden-

tificá-lo, ao mesmo tempo em que seu nome grita em minha mente. Mais lembranças surgem e eu as empurro de volta. O Kaiser me observa com atenção, esperando algum sinal de que não me encontro sob seu controle. Mas não consigo afastar meu olhar dos olhos desse homem.

Naquela outra vida, eu o amava.

Ele era o Guardião de maior confiança de minha mãe e, de acordo com praticamente todos, meu pai biológico – embora nem mesmo minha mãe pudesse afirmar isso com certeza.

Eu me lembro de, após ter ouvido o boato pela primeira vez, procurar no rosto dele semelhanças com o meu, mas não achei nada de conclusivo. Seu nariz e o meu tinham a mesma curva e os cabelos ondulavam na altura das orelhas do mesmo modo que os meus, mas eu parecia demais com minha mãe para ter qualquer certeza. Isso foi antes, porém, quando meus olhos infantis eram grandes e sem forma, impossíveis de identificar com os de minha mãe ou de qualquer outra pessoa. Agora, a semelhança é tão clara que me atinge como uma faca cravada na barriga.

Como Guardião, ele viajava com frequência para manter a segurança do país com sua magia de fogo, mas ele sempre voltava com doces e brinquedos e novas histórias para mim. Muitas vezes eu adormecia em seu colo, minha mão apertando a Pedra do Fogo que sempre pendia de seu pescoço. Sua magia vibrava em mim como uma canção de ninar que alguém cantasse para me fazer dormir.

Quando minha mãe morreu e o mundo que eu conhecia se transformou em pó, esperei que ele viesse me salvar. Essa esperança esmorecia a cada cabeça de Guardião que o Kaiser mandava exibir em uma estaca na praça, mas nunca desaparecia. Eu ainda ouvia murmúrios sobre as rebeliões de Ampelio, e eles mantinham viva minha esperança, mesmo depois de todos os outros Guardiões terem morrido. Apesar de poucos e esparsos, eu me agarrava a tais murmúrios. Desde que Ampelio estivesse lá fora, desde que estivesse lutando, eu sabia que ele me salvaria. Nunca me permiti imaginar, nem mesmo em meus piores pesadelos, que o veria assim.

Tento esvaziar a mente, mas é inútil. Mesmo agora, uma tênue esperança tremula em meu coração de que esse dia verá um final feliz, de que veremos outro sol nascer juntos, livres.

É uma esperança estúpida e perigosa, mas que arde ainda assim. Lágrimas queimam em meus olhos, mas não posso deixá-las cair.

Ele não usa sua pedra agora. Tirá-la deve ter sido a primeira coisa que os homens do Kaiser fizeram ao capturá-lo. Para um cortesão despreparado, uma única pedra mal é capaz de prover calor suficiente para mantê-lo confortável em uma noite de inverno, mas Ampelio era abençoado. Uma pedra preciosa era tudo que ele precisaria para queimar completamente esse palácio.

– Este é o famoso Guardião Ampelio – diz o Kaiser, pronunciando cada palavra lenta e zombeteiramente. – Você deve se lembrar dele. Vem se-meando a traição pelas minas, tentando incitá-los contra mim. Ele até instigou a desordem na Mina do Ar na semana passada. O Theyn o encontrou por perto e o trouxe para cá.

– Não foi um terremoto que provocou a desordem?

As palavras escorregam de minha boca antes que eu possa detê-las. Não parecem minhas de verdade. Ou melhor, não parecem palavras de Thora.

O maxilar do Kaiser Corbinian se contrai e eu me encolho, me preparando para um golpe que não vem. Ainda.

– Causado por ele, suspeitamos, para aliciar mais pessoas para a causa de vocês – diz ele.

Tenho uma resposta para isso também, mas a engulo e deixo a confusão nublar minhas feições.

– *Minha* causa, Vossa Alteza? – pergunto. – Não sabia que eu tinha uma causa.

O sorriso dele se torna mais afiado.

– A que busca, como eles dizem, “devolver a você seu lugar legítimo como Rainha de Astrea”.

Engulo em seco. Essa conversa está tomando uma direção totalmente nova, e não tenho certeza de como devo interpretá-la. Acho que quase prefiro o chicote ao que quer que seja esse novo jogo.

Meus olhos se voltam para o chão.

– Eu não sou rainha de ninguém e não existe mais Astrea. Sou uma lady agora, pela misericórdia de Vossa Alteza, e uma princesa apenas das cinzas. Este é o meu lugar legítimo, e o único que desejo.

Não consigo olhar para Ampelio enquanto recito as palavras marcadas a fogo em meu coração ao longo dos anos. Eu as pronunciei com tanta frequência que elas deixaram de ter qualquer significado, mas dizê-las agora na frente dele faz com que a vergonha percorra minhas veias.

O Kaiser assente com a cabeça.

– Foi o que eu disse, mas os astreanos são mulas velhas e teimosas.

A sala do trono irrompe em gargalhadas. Eu também rio, mas é um som arrancado de minhas entranhas.

O Kaiser se volta para Ampelio, sua expressão é um arremedo de simpatia.

– Venha e se curve diante de mim, *mula*. Diga-me onde posso encontrar seus rebeldes e você poderá passar o resto de seus dias em uma das minas.

Ele sorri para o homem machucado ainda caído a meus pés.

Aceite!, quero gritar. *Jure lealdade a ele. Sobreviva. Não enfureça o Kaiser e ele o deixará vivo. Essas são as regras.*

– Não me curvo diante de ninguém, a não ser minha rainha – sussurra Ampelio, tropeçando nas arestas da língua kalovaxiana. Apesar da voz baixa, suas palavras percorrem a sala, seguidas por arquejos e murmúrios dos cortesãos.

Ele então eleva a voz:

– Vida longa à Rainha Theodosia Eirene Houzzara!

Alguma coisa se rompe dentro de mim, e tudo que reprimi, cada momento que tentei esquecer – tudo aflora e dessa vez não sou capaz de deter.

Theodosia. Um nome que há dez anos não ouço.

Theodosia. Ouço minha mãe me chamando, acariciando meus cabelos, beijando minha fronte.

Você é a única esperança do nosso povo, Theodosia.

Ampelio sempre me chamava de Theo, por mais que minha ama, Birdie, ralhasse com ele por isso. Eu era uma princesa, dizia ela, e Theo era o nome de um moleque maltrapilho. No entanto, ele nunca lhe dava ouvidos. Eu podia ser uma princesa, mas também era algo mais.

Ele deveria me salvar, mas nunca veio. Fiquei esperando durante dez anos por alguém que viesse me resgatar, e Ampelio era a última migalha de esperança que eu tinha.

– Talvez ele responda a você, Princesa das Cinzas – diz o Kaiser.

Meu choque é fraco, abafado pelo som de meu nome ecoando repetidamente em minha mente.

– Eu... eu não me atreveria a achar que tenho esse poder, Vossa Alteza – consegui dizer.

Sua boca se contrai em uma expressão que conheço bem demais. O Kaiser não é um homem que aceite uma recusa.

– É para isso que a mantenho viva, não é? Para servir de ligação com a escória cabeça-dura astreana

O Kaiser é generoso em me poupar, penso, mas então me dou conta mais uma vez de que ele não me poupa por gentileza. Ele me mantém viva para me usar como influência contra meu povo.

Meus pensamentos estão se tornando mais corajosos agora, e embora eu saiba que são perigosos, não posso mais reprimi-los. E pela primeira vez, eu não quero fazer isso.

Há dez anos estou esperando para ser salva, e tudo que ganhei com isso foram cicatrizes nas costas e inúmeros rebeldes mortos. Com Ampelio capturado, não há mais nada que o Kaiser possa tirar de mim. Ambos sabemos que ele não é misericordioso o bastante para me matar.

– Posso falar astreano? – pergunto ao Kaiser. – Talvez ele se sinta mais à vontade...

O Kaiser agita a mão no ar e se recosta no trono.

– Desde que consiga respostas para mim.

Hesito antes de me ajoelhar diante de Ampelio, tomando-lhe as mãos retalhadas nas minhas. Embora a língua astreana seja proibida, alguns dos cortesãos aqui devem compreendê-la. Duvido que o Kaiser me deixaria falar se não fosse assim.

– *Existem outros?* – pergunto a ele. As palavras soam artificiais em minha boca, embora astreano fosse a única língua que eu tenha falado até os kalovaxianos chegarem. Eles a arrancaram de mim, tornaram-na ilegal. Não consigo me lembrar da última vez em que uma palavra astreana passou por meus lábios, mas eu ainda *sei* a língua em um lugar mais profundo que o pensamento, como se estivesse engastada nos meus próprios ossos. Ainda assim, preciso lutar para manter os sons macios e longos, ao contrário da fala interrompida e gutural dos kalovaxianos.

Ele hesita antes de assentir.

– *Você está segura?*

Tenho de fazer uma pausa antes de falar.

– *Segura como um navio em meio a um ciclone.*

A palavra astreana para ciclone – *signok* – é tão parecida com aquela que significa porto – *signak* – que somente um ouvido treinado entenderia. Mas talvez alguém entendesse. O pensamento é paralisante, mas eu o deixo de lado.

– *Onde estão os outros?* – pergunto a ele.

Ele sacode a cabeça e desvia o olhar do meu.

– *Em nenhum lugar* – diz ele, engasgado, fazendo soar mais como “*em todo lugar*” a ouvidos preguiçosos.

Isso não faz sentido. Os astreanos são menos numerosos que os kalovaxianos – eram apenas cem mil antes do cerco. A maior parte deles agora está escravizada, embora haja boatos de que estão trabalhando com alguns aliados em outros países. Faz muito tempo desde que falei astreano; devo ter interpretado errado.

– *Quem?* – pressiono.

Ampelio cola o olhar à bainha de meu vestido e sacode a cabeça.

– *Hoje acabou, chegou a hora de os passarinhos voarem. O amanhã está próximo, chegou o momento de os corvos velhos morrerem.*

Meu coração reconhece as palavras antes da mente. Elas fazem parte de uma antiga canção de ninar astreana. Minha mãe a cantava para mim, assim como minha ama. Será que ele também a cantou para mim?

– *Dê-lhe alguma coisa e ele o deixará viver* – digo.

Ampelio ri, mas o riso rapidamente se transforma em um chiado. Ele tosse e limpa a boca com as costas da mão, que sai ensanguentada.

– *O que seria a vida à mercê de um tirano?*

Teria sido bem fácil distorcer algumas consoantes e fazer a palavra astreana para *tirano* soar como a que significa *dragão*, o símbolo da família real kalovaxiana, mas Ampelio cospe a palavra com ênfase, dirigindo-a ao Kaiser, de modo que mesmo aqueles que não falam uma só palavra de astreano entendem seu significado.

O Kaiser inclina-se para a frente em seu assento, os dedos agarrando os braços do trono com tanta força que ficam brancos. Ele faz sinal para um dos guardas.

O homem saca a espada e dá um passo na direção da forma emborcada de Ampelio. Ele pressiona a lâmina contra a nuca de Ampelio, tirando sangue, antes de tornar a erguer a espada, preparando o golpe mortal. Vi isso ser feito vezes demais a outros rebeldes ou escravos que desrespeitavam seus mestres. A cabeça nunca se separa no primeiro golpe. Cerro os punhos, agarrando o tecido do vestido, para não estender as mãos para protegê-lo. Agora não há mais como salvá-lo. *Sei* disso, mas não consigo aceitar. Imagens flutuam diante de meus olhos e vejo a faca deslizando pela

garganta de minha mãe. Vejo escravos chicoteados até a vida abandonar seus corpos. Vejo cabeças de Guardiões em estacas na praça da capital até os corvos as desfazerem. Vi pessoas serem enforcadas por se oporem ao Kaiser, por terem a coragem de fazer o que eu não fiz.

Corra, quero dizer a ele. Lute. Implore. Negocie. Sobreviva.

Ampelio, porém, não se esquiva da lâmina. O único movimento que ele faz é estender a mão e agarrar-se a meu tornozelo. A pele de sua palma é áspera, coberta de cicatrizes e está pegajosa com o sangue.

Chegou o momento de os corvos velhos morrerem. Mas não posso permitir que o Kaiser tire outra pessoa de mim. Não posso assistir a Ampelio morrer. Não posso.

– Não!

A voz força seu caminho através dos fragmentos que restam de mim.

– Não? – A palavra dita suavemente pelo Kaiser ecoa no silêncio e provoca arrepios ao longo de minha espinha.

Minha boca está seca e, quando falo, a voz soa áspera.

– Vossa Alteza lhe ofereceu misericórdia se ele falasse. Ele falou.

O Kaiser se inclina para a frente.

– Falou? Posso não entender astreano, mas ele não pareceu particularmente comunicativo.

As palavras fluem antes que eu possa detê-las.

– Restava-lhe apenas meia dúzia de camaradas, depois de todos os grandes esforços de Vossa Alteza para destruí-los. Ele acredita que os homens e mulheres restantes foram mortos no terremoto da Mina do Ar, mas, se alguém sobreviveu, vai estar no ponto de encontro que fica ao sul das ruínas de Englmar. Há um grupo de ciprestes ali.

Há pelo menos uma parcela de verdade nisso. Eu costumava brincar nessas árvores todo verão enquanto minha mãe saía em sua turnê anual para visitar a cidade que havia sido atingida por um terremoto no ano anterior a meu nascimento. Quinhentas pessoas morreram naquele dia. Até o cerco, aquela havia sido a maior tragédia que Astrea já enfrentara.

O Kaiser inclina a cabeça e me observa bem de perto, como se pudesse ler meus pensamentos como palavras em uma página. Quero me encolher, mas me obrigo a sustentar seu olhar, a acreditar em minha mentira.

Após o que parecem horas, ele gesticula para o guarda perto dele.

– Leve seus melhores homens. Não há como saber que magia os bárbaros têm.

O guarda assente e deixa o salão apressado. Tomo o cuidado de manter o rosto impassível, mesmo querendo chorar de alívio. No entanto, quando o Kaiser retorna seus olhos frios a mim, esse alívio se transforma em pedra e despenca no fundo de meu estômago.

– Misericórdia – diz ele baixinho – é uma virtude astreana. É o que faz de vocês fracos, mas eu esperava que a tivéssemos salvado disso. Talvez, no fim, o sangue sempre vença.

Ele estala os dedos e a guarda força o punho de sua espada de ferro em minhas mãos. Ela é tão pesada que luto para levantá-la. As Pedras da Terra brilham na luz e seu poder faz comichar minhas mãos. É a primeira vez desde o cerco que tenho permissão para tocar qualquer tipo de pedra preciosa ou qualquer tipo de arma. No passado, eu teria gostado – qualquer coisa que me fizesse sentir ter um pouco de poder –, mas agora meu estômago se revira quando olho para Ampelio caído a meus pés e me dou conta do que o Kaiser espera que eu faça.

Eu não deveria ter falado; não deveria ter tentado salvá-lo. Porque há uma coisa pior do que ver a luz deixar os olhos da única pessoa que me resta no mundo – é ser eu mesma a cravar-lhe a espada.

Meu estômago se contrai diante desse pensamento e a bile sobe até minha garganta. Eu aperto a espada, lutando para me conter novamente e enterrar Theodosia ainda mais fundo antes que eu também termine com uma espada na garganta. Mas dessa vez não consigo fazer isso. Tudo me parece demais, dói demais, é odioso demais para ser contido agora.

– Talvez poupar sua vida tenha sido um erro. – A voz dele é casual, mas deixa a ameaça muito clara. – Traidores não recebem perdão, nem meu, nem dos deuses. Você sabe o que fazer.

Eu mal o escuto. Mal escuto qualquer coisa. O sangue lateja em meus ouvidos, desfocando minha visão e meus pensamentos até que tudo que consigo ver é Ampelio a meus pés.

– Pai, isto é mesmo necessário? – Prinz Søren dá um passo à frente. O alarme em sua voz me surpreende, assim como a força por trás dela. Ninguém jamais contrariou o Kaiser. A corte toda está tão surpresa quanto eu, e eles rompem o silêncio com sussurros que só são interrompidos quando o Kaiser bate as mãos com força nos braços do trono.

– Sim – ele sibila, inclinando-se para a frente. Suas bochechas exibem um vermelho cruel, embora seja difícil dizer se de raiva do filho ou constran-

gimento em ser questionado. – É *necessário*. E que seja uma lição para você também, Søren. A misericórdia é o que fez os astreanos perderem seu país, mas nós não somos tão *fracos*.

A palavra *fracos* soa como uma maldição – para os kalovaxianos não há insulto pior. Prinz Søren se encolhe, suas próprias bochechas se ruborizando enquanto ele recua um passo, os olhos voltados para o chão.

A meus pés, Ampelio estremece, a mão em meu tornozelo se contraindo.
– *Por favor, Minha Rainha* – diz ele em astreano.

Eu não sou sua rainha!, quero gritar. *Sou sua princesa e você deveria vir me salvar.*

– *Por favor* – repete Ampelio, mas não há nada que eu possa fazer por ele. Vi dezenas de homens antes dele serem executados por muito menos do que isso. Foi uma tolice pensar que ele seria poupado, mesmo que a informação que dei tivesse sido verdadeira. Eu poderia implorar ao Kaiser até minha garganta ficar em carne viva e de nada adiantaria. Só serviria para eu terminar com uma lâmina nas costas também.

– *Por favor* – ele torna a dizer antes de começar a falar astreano tão rápido que tenho que me esforçar para acompanhar. – *Ou ele a matará também. É hora de o Além me receber. Hora de rever sua mãe. Mas ainda não é a sua hora. Você vai fazer isto. Você vai viver. Você vai lutar.* – E eu compreendo. Eu quase queria não compreender. Sua benção é de certa forma uma maldição.

Não. Não posso fazer isso. Não posso matar um homem. Não posso matar justamente *ele*. Eu não sou o Kaiser, não sou o Theyn, não sou Prinz Søren. Eu sou... Alguma coisa se remexe bem lá dentro de mim. *Theodosia*, foi como Ampelio me chamou. É um nome forte – o nome que minha mãe me deu. O nome de uma rainha. Não parece um nome que eu mereça, mas aqui estou eu, sozinha. Se quiser sobreviver, *tenho* de ser forte o bastante para passar por isso.

Devo ser *Theodosia* agora.

Minhas mãos começam a tremer quando ergo a espada. Ampelio tem razão; alguém vai fazer isso, seja eu ou um dos guardas do Kaiser, mas farei com que seja mais rápido, mais fácil. É melhor ter sua vida tirada por alguém que o odeia ou alguém que o ama?

Através da camisa fina e rasgada – e agora mais vermelha do que branca –, sinto as vértebras de sua espinha. A lâmina se encaixa abaixo de seus ombros, entre duas costelas salientes. Vai ser como cortar a carne no jantar, digo a mim mesma, mas já sei que não.

Ele vira a cabeça de modo que seus olhos encontram os meus. Há em seu olhar algo familiar que aperta meu coração no peito e faz com que seja impossível respirar. Não resta qualquer dúvida em mim. Esse homem é meu pai.

– *Você é filha da sua mãe* – ele sussurra.

Desvio meus olhos dos dele e os volto para o Kaiser, sustentando seu olhar. “Não se dobre, não se quebre”, digo claramente, citando o lema kalovaxiano antes de cravar a espada nas costas de Ampelio, atravessando pele, músculo e osso para atingir o coração. Seu corpo já está tão fraco, tão mutilado, que chega quase a ser fácil. O sangue esguicha para cima, cobrindo meu vestido.

Ampelio tem um espasmo e solta um grito fraco antes de seu corpo ficar flácido. A mão escorrega de meu tornozelo, embora eu sinta a marca ensanguentada que fica. Extraio a espada e a devolvo ao guarda. Entorpecida. Dois outros guardas avançam para levar o corpo dali, arrastando-o e deixando um rastro vermelho e viscoso.

– Levem o corpo para a praça e o pendurem para que todos vejam. Qualquer um que tente retirá-lo de lá terá o mesmo destino – diz o Kaiser antes de se voltar para mim. O sorriso dele escorre para o fundo de meu estômago feito óleo. – Boa garota.

Sangue encharca meu vestido, mancha minha pele. O sangue de Ampelio. Sangue de meu pai. Faço uma reverência diante do Kaiser, meu corpo movendo-se sem o consentimento da mente.

– Vá se limpar, Lady Thora. Haverá um banquete esta noite para celebrar a queda do maior rebelde de Astrea e você, minha querida, será a convidada de honra.

Faço outra reverência breve e curvo a cabeça.

– Claro, Vossa Alteza. Mal posso esperar.

As palavras não parecem ditas por mim. Minha mente se agita tão profundamente que estou surpresa que consiga encontrar palavras. Quero gritar. Quero chorar. Quero pegar aquela espada ensanguentada de volta e cravá-la no peito do Kaiser, mesmo que eu morra ao fazer isso.

Ainda não é a sua hora, a voz de Ampelio sussurra em minha mente. *Você vai viver. Você vai lutar.*

Essas palavras não me trazem qualquer conforto. Ampelio está morto e, com ele, está morta minha última esperança de ser resgatada.

THEODOSIA



AINDA NÃO ME DISTANCIEI DEZ PASSOS pelo corredor quando uma mão agarra meu ombro, me detendo. Quero correr, correr, correr até estar sozinha e poder gritar e chorar até que nada reste em mim a não ser o vazio outra vez. *Você vai viver. Você vai lutar.* As palavras de Ampelio ecoam em minha mente, mas eu não sou uma lutadora. Sou a apavorada sombra de uma garota. Sou uma mente fragmentada e um corpo trêmulo. Sou uma prisioneira.

Viro-me e deparo com Prinz Søren, uma ponta de preocupação transparecendo em sua expressão estoica. A mão que me deteve agora pausa, leve, em meu ombro, a palma e a ponta dos dedos surpreendentemente ásperas.

– Vossa Alteza. – Tenho o cuidado de manter a voz serena, escondendo a tempestade que me dilacera. – O Kaiser precisa de alguma coisa mais de mim?

Esse pensamento deveria me aterrorizar, mas, na verdade, não sinto nada. Acho que não existe mais nada que ele possa tirar de mim agora.

Prinz Søren sacode a cabeça. Ele deixa a mão cair de meu ombro e limpa a garganta.

– Você... você está bem? – pergunta ele. Sua voz soa tensa e eu me pergunto qual foi a última vez que ele falou com uma garota. Qual foi a última vez que falou com alguém que não fosse outro soldado.

– Naturalmente – respondo, embora aquela palavra não pareça minha. Porque eu não estou bem. Sou um furacão que minha pele mal consegue conter.

Minhas mãos começam a tremer e eu as escondo nas dobras da saia para que o Prinz não perceba.

– Essa foi a primeira vez que você matou? – pergunta ele. Deve ver o pânico cruzar meus olhos porque logo continua: – Você se saiu bem. Foi uma morte limpa.

Como pode ser limpa quando houve tanto, tanto sangue? Eu poderia tomar mil banhos e ainda senti-lo em mim.

A voz de Ampelio ecoa em minha mente: *Você é a filha da sua mãe. Chegou a hora de os passarinhos voarem. Você vai lutar. Minha Rainha.*

Uma lembrança vem à superfície e eu não tento reprimi-la dessa vez. A mão dele em torno da minha enquanto ele me acompanhava até os estábulos. Ele me levantando para que eu me sentasse em sua égua, de modo que eu me elevasse acima dele, no topo do mundo. O nome da égua era Thalia e ela gostava de gotas de mel. A sensação da mão dele em minhas costas, me mantendo segura; a sensação da espada, cortando sua pele.

A bile sobe até minha garganta, mas eu me obrigo a engoli-la.

– Fico feliz que pense assim – consigo dizer.

Por um instante, ele parece pronto para fazer outra pergunta, mas se limita a me oferecer o braço.

– Posso acompanhá-la até seu quarto?

Não posso recusar o Prinz, embora seja essa a minha vontade. Estou em frangalhos e não sei como sorrir e fingir que não estou. Thora é muito mais simples. Ela é uma coisa vazia, sem passado ou futuro. Sem desejos. Sem raiva. Somente medo. Somente obediência.

– Quando fiz 10 anos – diz Prinz Søren –, meu pai me levou à masmorra e me deu uma espada nova. Ele mandou buscar dez criminosos... ralé astreana... e me mostrou como cortar a garganta deles. Ele cortou a do primeiro, como exemplo. Eu cortei a dos outros nove.

Ralé astreana.

As palavras me irritam, embora eu tenha ouvido chamarem-nos de coisa pior. Sob o olhar sempre observador do Kaiser, *eu mesma* os chamei de coisa pior, fingindo não ser um deles. Eu os ridicularizei e ri das piadas cruéis do Kaiser. Tentei me distanciar deles, fingir que não eram meu povo, mesmo que compartilhemos a mesma pele morena e os mesmos cabelos escuros. Tenho tido medo até mesmo de *olhar* para eles. Enquanto isso, eles eram escravizados, espancados e executados como animais para ensinar uma lição a um prinz mimado.

Agora que Ampelio está morto, não resta ninguém para resgatá-los também.

A bile sobe novamente, mas dessa vez não consigo contê-la. Eu paro e vomito, o conteúdo de meu estômago se derramando sobre o traje do Prinz.

Ele salta para trás e por um longo e doloroso momento ficamos apenas nos entreolhando. Eu deveria pedir desculpas; deveria implorar perdão antes que ele conte ao pai o quanto sou fraca e repulsiva. Mas tudo que consigo fazer é cobrir a boca com a mão e torcer para que nada mais saia.

O choque nos olhos dele desaparece, substituído por algo que talvez seja pena.

Ele não tenta me deter quando me viro e me afasto dele em disparada pelo corredor.

• • •

Mesmo quando estou de volta a meu quarto, estirada na cama, sozinha, não posso desmoronar. Ouço meus guardas pessoais se acomodando nos quatinhos do outro lado das paredes que o Kaiser mandou instalar após o cerco. Suas botas estalam nos pisos de pedra e as espadas, nas bainhas, retinem. Eles estão sempre aqui, sempre observando através de três orifícios do tamanho de um polegar. Mesmo quando durmo, mesmo quando me banho, mesmo quando acordo gritando com pesadelos que só lembro parcialmente. Eles me seguem por toda parte, mas eu nunca vejo seus rostos, nem mesmo ouço suas vozes. O Kaiser se refere a eles como minhas Sombras, um apelido que se espalhou tanto que eu mesma penso neles assim.

Eles devem estar rindo agora. A Princesinha das Cinzas pôs os bofes para fora por causa de um pouco de sangue, e bem em cima do Prinz! Qual deles terá a honra de contar ao Kaiser essa história? Nenhum, é mais do que provável. O próprio Prinz é quem vai contar, e em questão de minutos o Kaiser saberá de minha fraqueza. E isso só vai servir para que ele se esforce ainda mais para arrancar essa fraqueza de mim. Dessa vez, talvez ele tenha sucesso, e então o que restará de mim?

A porta se abre e eu me sento. É Hoa, minha criada. Ela não olha para mim, concentrando-se em vez disso em abrir os botões ao longo das costas de meu vestido manchado de sangue. Ouço-a suspirar de alívio quando percebe que o sangue não é meu dessa vez. O ar fresco atinge minha pele quando o tecido cai e eu me preparo para as fisgadas quando ela tira as ataduras em minhas costas. Seus dedos são gentis, enquanto ela confere meus vergões, certificando-se de que estão cicatrizando corretamente. Quando

está satisfeita, ela passa uma pomada de um frasco que Ion lhe deu e substitui as ataduras por novas.

Porque não podem me confiar uma escrava astreana, o Kaiser me deu Hoa. Com sua pele dourada e os cabelos pretos e lisos indo até a cintura, suponho que ela deva ser de uma das terras orientais que os kalovaxianos invadiram antes de Astrea, mas Hoa nunca me contou de qual delas veio. Não poderia, mesmo se quisesse, porque o Kaiser costurou sua boca. O fio preto e grosso cruza sobre seus lábios em quatro X que vão de um canto ao outro, retirados de tempos em tempos para permitir que ela faça uma refeição antes de ser costurada outra vez. Logo após o cerco, tive uma criada astreana chamada Felicie, que tinha 15 anos. Eu a via como uma irmã, e quando ela me disse que tinha um plano para nossa fuga, eu a segui sem questionar, certa de que todos os meus sonhos de resgate estavam se tornando realidade. Eu até acreditei que minha mãe ainda estava viva, à minha espera em algum lugar.

Fui uma tola.

Em vez de me dar liberdade, Felicie me entregou direto ao Kaiser, exatamente como ela a instruíra.

Ele pessoalmente me deu dez chicotadas, e depois cortou a garganta de Felicie, me dizendo que ela não tinha mais serventia. Disse que era para me ensinar uma lição que duraria mais do que meus vergões, e creio que durou mesmo. Aprendi a não confiar em ninguém. Nem mesmo em Cress, na verdade.

Hoa recolhe meu vestido ensanguentado nos braços e faz um gesto com a cabeça na direção do lavatório, uma instrução silenciosa para que eu vá me limpar, antes de tornar a sair para lavar o vestido.

Quando ela sai, eu me sento diante do lavatório e enxaguo a boca, me livrando do gosto da náusea. Em seguida, mergulho as mãos para limpá-las dos respingos de sangue. Sangue de meu pai; meu sangue.

Tenho mais uma vez a sensação de que vou vomitar, mas me forço a respirar profundamente até passar. Os olhos de minhas Sombras pesam em mim, à espera de que eu desmorone, para que possam relatar ao Kaiser.

No espelho do lavatório, pareço a mesma dessa manhã. Todos os fios de cabelo enrolados e presos no estilo kalovaxiano, o rosto coberto de pó, os olhos contornados com kohl e os lábios pintados de vermelho. Tudo é o mesmo, ainda que eu não seja.

Pego a toalhinha branca pendurada na borda da bacia e a mergulho na água antes de esfregá-la no rosto. Esfrego até que todos os pós e tintas saiam, colorindo a toalha. Hoa levou quase uma hora para aplicá-los essa manhã, mas eu levo menos de um minuto para lavá-los.

O rosto de minha mãe me olha do espelho. Suas sardas dançam em meu nariz e em minhas bochechas, como constelações não mapeadas. Sua pele cor de oliva brilha como topázio à luz das velas. Seus cabelos reluzem, da cor do mogno, embora os seus estivessem sempre soltos e revoltos, nunca presos de modo tão austero, afastados do rosto, como os meus. Os olhos não são dela, porém. No lugar deles, são os olhos cor de mel de Ampelio que me olham do espelho, olhos fundos, com cílios pesados.

Embora esses sejam defeitos que os padrões de beleza dos kalovaxianos exigem que eu esconda, lembro-me de como as pessoas falavam da beleza de minha mãe, como escreviam poemas e cantavam canções em sua homenagem.

Pisco e vejo a faca do Theyn pressionada em minha garganta – na garganta de minha mãe. Sinto a picada do aço, vejo as gotas de sangue se formarem. Pisco novamente e sou só eu. Somente uma garota destroçada.

Theodosia Eirene Houzzara. O nome sussurra através de mim outra vez, seguido pelas últimas palavras de minha mãe.

Será que ela me perdoaria por matar Ampelio? Será que entenderia por que fiz isso? Ou será que, de onde está no Além, ela volta as costas para mim?

Ele está com ela agora, tenho de acreditar nisso. Está com ela agora porque deu sua vida para me poupar, embora isso não seja justo. Ele arriscou tudo por Astrea, enquanto eu nada fiz exceto tentar aplacar o monstro que nos destruiu.

Não posso mais fazer o jogo do Kaiser. Não posso seguir suas regras e mantê-lo entretido enquanto meu povo se encontra acorrentado. Não posso rir e falar de poesia com Crescentia. Não posso falar em sua língua dura e feia. Não posso atender por um nome que não é o que minha mãe me deu.

Ampelio era a última pessoa que pensei que poderia me salvar, minha última esperança de que esse pesadelo pudesse terminar um dia. Pensei que havia matado essa esperança quando o matei, mas percebo agora que não. A esperança dentro de mim ainda não foi sufocada. Ela está morrendo, sim, restando-lhe apenas algumas brasas. Mas já vi fogos serem reavivados com menos.

Hoje ainda não retornou, então pinto o rosto novamente, cobrindo cada vestígio da minha mãe. Meu verdadeiro nome parece pesado em minha língua depois de ouvir Ampelio pronunciá-lo mais cedo, e quero ouvi-lo novamente. Quero dizê-lo, banir Thora de minha mente para sempre, mas não ousar.

Theodosia, Theodosia, Theodosia.

Alguma coisa em mim está despertando. Esta não é minha casa. Eu não sou o prêmio deles. Não estou satisfeita com a vida que eles tão generosamente pouparam.

Ampelio não pode mais me salvar, mas não deixarei que seu sacrifício seja em vão. Tenho de descobrir como me salvar.

Para saber mais sobre os títulos e autores
da Editora Arqueiro, visite o nosso site.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

